Breve dicionário comunicacional do **Papa Francisco**

CNBB grecom grupo de reflexão sobre comunicação

CNBB CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
Comissão Episcopal para a Comunicação Social

Breve dicionário comunicacional do **Papa Francisco**

CNBB grecom grupo de reflexão sobre comunicação

CNBB CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
Comissão Episcopal para a Comunicação Social

EXPEDIENTE

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL DA
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CEPAC-CNBB)
GRUPO DE REFLEXÃO SOBRE COMUNICAÇÃO (GRECOM/CNBB)

Membros CEPAC-CNBB
- Dom Valdir José de Castro, bispo de Campo Limpo (SP);
- Dom Amilton Manoel da Silva, bispo de Guarapuava (PR);
- Dom Edilson Soares Nobre, bispo de Oeiras (PI).

Assessores da CEPAC-CNBB
- Osnilda Lima, Diocese de Guarapuava (PR);
- Padre Tiago Síbula, Diocese de Santo André (SP).

Grupo de Reflexão sobre Comunicação (GRECOM/CNBB)
- Aline Amaro da Silva (Vice-coordenadora), PUC Minas;
- Joana T. Puntel, SEPAC / ITESP;
- Claudenir Modolo Alves, Faculdade São Bento (SP);
- Magali do Nascimento Cunha, ISER e Coletivo Bereia;
- Marcus Tullius, Cáritas América Latina e Caribe;
- Moisés Sbardelotto (Coordenador), PUC Minas;
- Ricardo Alvarenga, Universidade Federal do Maranhão.

Organização e Edição
- Moisés Sbardelotto.

Revisão
- Marcus Tullius e Moisés Sbardelotto.

Projeto Gráfico e Diagramação
- Adielson Agrelos (agrelosadielson.myportfolio.com/)

Capa / Segunda Capa
- iStock / Johan10

GRECOM-CNBB© 2025

GRECOM

“O Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom) é um grupo de reflexão sobre comunicação, de natureza consultiva, como parte essencial da Comissão Episcopal para a Comunicação Social [...] com vistas a oferecer um aprofundamento da comunicação a serviço da evangelização e da sociedade. É constituído por especialistas, titulados ou não em comunicação, convidados pela Comissão Episcopal para a Comunicação Social a cada quadriênio, podendo ser reconduzidos para o processo de aprofundamento da comunicação.”

(Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, nn. 320-322)

GRECOM-CNBB© 2025

Lista de siglas

AL	Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris lætitia* (Papa Francisco, 2016)
ChV	Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (Papa Francisco, 2019)
DMCS	Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais
EG	Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (Papa Francisco, 2013)
MM	Carta Apostólica *Misericordia et misera* (Papa Francisco, 2016)
MV	Bula *Misericordiae vultus* (Papa Francisco, 2015)
FT	Carta encíclica *Fratelli tutti* (Papa Francisco, 2020)
LS	Carta encíclica *Laudato si'* (Papa Francisco, 2015)

Sumário

- **9** Apresentação
- **11** Introdução
- **13** Alegria
- **16** Coração
- **19** Diálogo
- **22** Encontro
- **25** Escuta
- **28** Esperança
- **31** Fraternidade
- **34** Misericórdia
- **37** Proximidade
- **41** Ternura
- **43** Paz
- **47** Verdade
- **50** Oração da Comunicação
- **52** Membros do Grecom/CNBB

Imagem: Unsplash

Apresentação

Muito se tem falado, nas últimas semanas, sobre o legado deixado pelo Papa Francisco, de feliz memória, não só à Igreja, mas ao mundo, não só aos católicos, mas a todos os que viram nele um testemunho de humanidade e de amor à vida.

Aos que buscam enfrentar os desafios de integrar o Evangelho com a realidade concreta, puderam encontrar em Francisco um guia espiritual que testemunhou a alegria de evangelizar, de uma forma verdadeira, suave e terna, decidida e profética. Puderam encontrar nele um pastor "humano", que insistiu numa Igreja que acolhe todas as pessoas, e que é chamada a seguir os passos de Jesus de Nazaré, no cuidado de todos, especialmente dos pobres, dos que vivem nas periferias existenciais, assim como no cuidado da Casa Comum.

Imagem: Vatican Media

Francisco se apresenta ao mundo ao lado de seu amigo, Dom Cláudio.

Dentre as riquezas que herdamos do seu Magistério, está, sem dúvida, o que se refere à área da comunicação. Nesse âmbito, não só valorizou os meios técnicos de comunicação social, o ambiente digital e a inteligência artificial, no serviço de evangelização, mas deixou, sobretudo, uma profunda reflexão – acompanhada de gestos concretos! – no que se refere à comunicação do ponto de vista da proximidade e da interação humana, como caminho para construir pontes e não muros, para superar os conflitos e as injustiças, uma comunicação geradora da cultura do encontro.

Nesta perspectiva humana da comunicação, na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, deste ano, a última de seu pontificado para essa ocasião, Francisco, sob o signo da esperança cristã – tema do Ano Santo em vigor! – nos revelou um sonho, com essas palavras: *"sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança. Uma comunicação que seja capaz de falar ao coração, de suscitar não reações impetuosas de fechamento e raiva, mas atitudes de abertura e amizade; capaz de apostar na beleza e na esperança mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas; de gerar empenho, empatia, interesse pelos outros. Uma comunicação que nos ajude a 'reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa casa comum"* (*Dilexit nos*, n. 217).

Na verdade, Francisco não só sonhou, mas perseverou em fazer do seu sonho uma realidade. Somos testemunhas de como ele buscou uma comunicação fecunda e generativa, como acreditou e colocou-se à disposição, sem medir esforços, para dialogar, com paciência e persistência no caminho da unidade como "harmonia das diferenças". Certamente, não conseguiu resultados imediatos em todas as suas iniciativas, mas deixou o caminho aberto para continuarmos, como Igreja, na busca de melhorar a qualidade das relações humanas por meio da comunicação.

Nesse horizonte comunicacional, alargado de Francisco, estão algumas palavras motivadoras que aparecem em seus discursos e mensagens, que desejamos refletir neste subsídio. Termos como **"alegria", "coração", "diálogo", "encontro", "escuta", "esperança", "fraternidade", "misericórdia", "paz", "proximidade", "ternura" e "verdade"**, nos colocam no caminho de uma comunicação fecunda, que transforma os corações.

As reflexões aqui contidas foram elaboradas pelos membros do GRECOM, grupo de reflexão ligado à Comissão Episcopal para a Comunicação Social da CNBB, aos quais agradecemos de coração por este trabalho. Inspirando-nos nas ideias aqui compiladas, e tendo como referência Cristo, o Comunicador Perfeito, possamos concretizar o sonho do Papa Francisco que, seguramente, é também o nosso sonho: a construção de um mundo mais humano, justo e fraterno!

Dom Valdir José de Castro, ssp
Bispo de Campo Limpo (SP)
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação Social

Introdução

Este *Breve dicionário comunicacional do Papa Francisco* nasce do desejo profundo dos membros do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Grecom/CNBB) de rememorar – com ternura e esperança – os 12 anos de um pontificado que tocou o coração da Igreja e do mundo com seu estilo comunicativo. Ao se completarem os 30 dias de sua Páscoa definitiva, ocorrida em plena Páscoa da Ressurreição de 2025, o Grecom celebra o dom de sua vida e seu legado à Igreja e ao mundo.

As 12 palavras aqui reunidas – em simbólico compasso com os 12 anos de pontificado – são uma porta de entrada para o coração comunicador do Papa Francisco. Em sua voz e em seus silêncios, em suas mensagens e em seus encontros, ele nos mostrou que a comunicação é *alegria* que contagia, *coração* que pulsa junto, *diálogo* que abre caminhos, *encontro* que gera comunhão, *escuta* que respeita o mistério do outro, *esperança* que não desiste, *fraternidade* que reconcilia, *misericórdia* que reergue, *paz* que se constrói no cotidiano, *proximidade* que encurta distâncias, *ternura* que humaniza e *verdade* que liberta.

O último encontro com Francisco.

Imagem: Unsplash

Cada verbete foi confiado a um dos membros do Grecom, que, com sensibilidade pastoral e escuta atenta aos ensinamentos de Francisco, buscou refletir sobre como cada uma dessas palavras se tornou, ao longo do tempo, sinônimo vivo de comunicação na vida da Igreja dos últimos anos. Esta coletânea não quer ser um compêndio técnico nem uma compilação de definições teóricas. Ao contrário, são textos tecidos com as linhas da memória e do afeto, como uma homenagem agradecida pelos gestos e pelas palavras de Francisco, testemunha viva de encontro, escuta, diálogo e anúncio da Boa Nova do Evangelho de Jesus. Mais do que conceitos, são sementes que o papa lançou nos sulcos da Igreja, da sociedade e da história, chamando-nos a cultivar uma comunicação que seja, ao mesmo tempo, presença e profecia.

Em suas reflexões e atitudes, Francisco nos ensinou que comunicar é muito mais do que transmitir e informar: é compartilhar a vida, criar vínculos, aproximar-se. No fundo, não existe a comunicação "do" Papa Francisco, como algo exclusivo dele, mas sim a comunicação do Papa Francisco *"com"* uma pessoa, que tem nome, rosto, história. Ele sempre modulava sua comunicação de acordo com o momento, o lugar, as pessoas e os públicos, de acordo com aquilo que ele se sentia inspirado pelo Espírito a fazer, como demonstram seus inúmeros "discursos de improviso". A comunicação de Francisco, em suma, tinha uma dimensão poliédrica, para retomar um conceito importante ao próprio pontífice (cf. EG 236). Era uma comunicação que envolvia muitas características e expressões diferentes, embora unidas em um mesmo estilo comunicativo.

Na Jornada Mundial da Juventude da Polônia, em 2016, um jovem lhe perguntou: "Na universidade, eu tenho muitos colegas ateus. O que devo dizer a eles para lhes convencer?". A resposta do Papa Francisco foi muito clara: "Nada, meu caro, nada! A última coisa que você deve fazer é dizer alguma coisa. Comece a viver, e eles, vendo seu testemunho, lhe perguntarão: 'Mas por que você vive assim?'". Para Francisco, não bastava "dizer" a fé para que as pessoas creiam: era preciso fazer, pondo-a em prática na concretude da vida e comunicando-a por meio do testemunho. "Mostre-me a sua fé sem as obras, e eu, com as minhas obras, lhe comunicarei a minha fé" (cf. Tg 2,18).

Oferecemos este dicionário como um convite à contemplação e à ação. Que ele inspire comunicadoras e comunicadores da fé, agentes de pastoral, lideranças e fiéis a manterem vivo e fecundo o legado comunicacional do Papa Francisco na vida da Igreja que segue a caminho, sempre *adelante*. Que o novo tempo eclesial e o pontificado de Leão XIV saibam colher os frutos dessa sementeira de gestos e palavras, e sigam cultivando, com fidelidade criativa, uma comunicação pastoral e sinodal, dialógica e missionária, "desarmada e desarmante", a serviço da verdade, da justiça e da paz.

Boa leitura!

Moisés Sbardelotto
Coordenador do Grecom

ALEGRIA

"A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. [...] Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero [...] dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria" (EG 1).

Imagem: Cathopic

Alegria

Desde os primeiros instantes de seu pontificado, Papa Francisco comunicou alegria. Não apenas com palavras, mas também com os constantes sorrisos, piadas e brincadeiras que manifestavam sua atenção e proximidade a cada pessoa. Em um mundo saturado por discursos agressivos, sua comunicação se destacava por irradiar uma alegria acolhedora e transformadora. Em Francisco, alegria e comunicação estavam intimamente conectadas: sua vida e seu pontificado testemunhavam "a alegria de comunicar Jesus Cristo" (EG 30).

Essa conexão não é acidental. Para o papa, o grande risco do mundo atual é justamente uma "tristeza individualista" (EG 2). Pelo contrário, ele convidava a experimentar a "alegria de sermos irmãos porque filhos de um único Deus" (FT 279). Não por acaso, ela está presente nos próprios títulos de seus principais documentos pontifícios, como *Evangelii gaudium* (alegria do Evangelho), *Amoris laetitia* (alegria do amor) e *Gaudete et exsultate* (alegrem-se e exultem). Em todos eles, comunicar a fé significa irradiar alegria e indicar caminhos de esperança no cotidiano.

"Ser cristão – afirma o papa, citando São Paulo e São Tomás – é 'alegria no Espírito Santo', porque, 'do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria'" (GE 122). Por isso, segundo Francisco, a missão evangelizadora brota de uma alegria que não pode ser contida: "A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária" (EG 21). A evangelização é uma *comunicação por transbordamento*, "porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?" (EG 8).

A síntese do pontificado de Francisco pode ser encontrada no convite a ser uma "Igreja em saída", ou seja, uma comunidade de pessoas que vivenciam uma "amizade feliz" (EG 8) com Deus e, assim, saem de sua própria comodidade e vão ao encontro de todas as periferias para anunciar a alegria do Evangelho (EG 20). Por isso, esse anúncio não pode ser feito por "evangelizadores tristes", mas somente por "ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo" (EG 10).

A alegria não é apenas ponto de partida da missão, mas também seu critério de verdade: “É um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar” (EG 21). Por isso, Francisco sempre reforçava o valor do senso de humor, de uma “alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica” (GE 122, 128). Em um encontro com humoristas do mundo inteiro em 2024, o papa elogiou o dom de fazer rir: “A alegria abre à partilha e é o melhor antídoto contra o egoísmo e o individualismo”. Como processo de comunicação, “rir também ajuda a criar ligações entre as pessoas [e] a construir uma cultura partilhada”, afirmou.

A alegria da comunicação do Evangelho também se distingue por sua amplitude: não conhece limites nem fronteiras. “Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem *partilha uma alegria* [...]. A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’” (EG 14). E a força atrativa da evangelização é justamente a “alegria contagiosa” que brota do coração do Evangelho (GE 55). Sua universalidade é ao mesmo tempo horizonte e exigência. Comunicar a fé com alegria significa abrir portas e construir pontes, e não erguer muros, repetia Francisco. Significa incluir, escutar, dialogar, sem deixar ninguém à margem.

Essa comunicação alegre é, antes de tudo, uma forma de serviço. Em sua última mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2025, o papa evocava uma frase de Martin Luther King Jr., que expressa com singeleza essa vocação ministerial e diaconal da comunicação: “Se eu puder alegrar alguém com uma palavra ou uma canção... então a minha vida não terá sido vivida em vão”. E a vida e o pontificado de Francisco certamente não foram em vão, pois, em cada uma de suas palavras, gestos e silêncios, comunicaram alegria e esperança a todos, todos, todos...

Moisés Sbardelotto

CORAÇÃO

“Foi o coração que nos moveu para ir, ver e escutar, e é o coração que nos move para uma comunicação aberta e acolhedora. [...] Só ouvindo e falando com o coração puro é que podemos ver para além das aparências, superando o rumor confuso que, mesmo no campo da informação, não nos ajuda a fazer o discernimento na complexidade do mundo em que vivemos” (DMCS 2025).

Imagem: Cathopic

Coração

“A boca fala daquilo que o coração está cheio” (Mt 12,34). Com essa máxima, Jesus nos oferece uma chave fundamental para compreendermos o núcleo da verdadeira comunicação: ela é sempre expressão de um transbordamento – daquilo que preenche e move o coração humano.

Inspirado nessa visão evangélica, o Papa Francisco resgatou, em seus ensinamentos comunicacionais, uma compreensão profunda e integral do coração. Este, segundo o papa, é “sede da liberdade e das decisões mais importantes da vida”, símbolo de “integridade e de unidade”, evocando também “os afetos, os desejos, os sonhos”. Mas, acima de tudo, é “o lugar interior do encontro com Deus” (DMCS 2024). Nessa interioridade do coração, encontra-se a origem da comunicação humana e humanizada, enraizada naquilo que há de mais divino no ser humano.

Em tempos de inteligência artificial, o papa adverte que somente “recuperando uma sabedoria do coração é que poderemos ler e interpretar a novidade do nosso tempo e descobrir o caminho para uma comunicação plenamente humana” (DMCS 2024). Para ele, “não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas sim o coração do ser humano e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor” (DMCS 2016).

Essa concepção levou Francisco a afirmar que o cerne da arte de comunicar não é uma teoria nem uma técnica, mas sim “a capacidade do coração que torna possível a proximidade” (DMCS 2022). Em meio à indiferença, à indignação e à desinformação de hoje, ele reiterou: “O apelo para se falar com o coração interpela radicalmente este nosso tempo”. Por isso, o papa pedia uma “comunicação de coração a coração” (DMCS 2023). Para ele, falar com o coração é também uma resposta a um mundo violento e despedaçado: “Do coração brotam as palavras certas para dissipar as sombras de um mundo fechado e dividido e construir uma civilização melhor do que aquela que recebemos” (DMCS 2023).

Francisco sonhava com uma Igreja que soubesse comunicar cordialmente. “Inclusive no contexto da comunicação, é preciso uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração” (DMCS 2014). Se a Igreja é chamada a anunciar a “alegria do Evangelho”, esta, por sua vez, brota da fonte do “coração transbordante” de Jesus (EG 5). Jesus é a “Palavra pura que brota do coração do Pai” (DMCS 2023). Com Ele aprendemos uma forma de comunicar que alcança os mais profundos anseios humanos. “Como filhos de Deus – afirmava o papa –, somos chamados a comunicar com todos, sem exclusão”, a fim de “tocar o coração das pessoas” (DMCS 2016).

Para Francisco, o maior problema da comunicação da mensagem cristã é justamente confundi-la, mutilá-la e reduzi-la a alguns de seus aspectos secundários. Pelo contrário, evangelizar é comunicar “o coração do Evangelho”, isto é, “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). O papa reiterava: “Não devemos ter medo de proclamar a verdade, por vezes incômoda, mas sim de o fazer sem amor, sem coração” (DMCS 2023). Por isso, quem comunica deve “conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus” (EG 137).

A força da comunicação cristã não está apenas nas palavras, mas principalmente no testemunho de amor. “Se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus” (DMCS 2016). Por isso, Francisco pedia “missionários apaixonados”, movidos pela “irradiação do amor do Coração de Cristo”, que não perdem tempo discutindo questões secundárias ou impondo verdades e regras, “porque a sua principal preocupação é comunicar o que vivem”, ou seja, esse amor que mudou as suas vidas (DN 209).

Em sua última mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2025, o papa reforçou esse apelo com doçura e firmeza: “Perante as vertiginosas conquistas da técnica, convido-os a cuidarem do coração, ou seja, de sua vida interior” (DMCS 2025). A vida de Francisco testemunhou, com palavras e gestos, que um coração aquecido pela presença de Deus comunica um amor que alcança a todas as pessoas, uma verdade que não fere e uma esperança que não se apaga.

Moisés Sbardelotto

DIÁLOGO

"Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. (...) O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e, contudo, de forma discreta, mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor" (FT 198).

Imagem: Cathopic

Diálogo

O pontificado de Francisco se deu em um tempo marcado por muitas divisões e manifestações de intolerância, tanto no interior da própria Igreja Católica como entre cristãos, outras religiões e, destacadamente, no mundo. Nestes primeiros anos do século 21, a população que habita o planeta Terra, sua "casa comum", se viu submetida a extremismos que afetaram milhões de vidas com múltiplas guerras, genocídios, racismos, machismos, feminicídios, xenofobia, homofobia, conflitos marcados por divergências políticas e diferenças religiosas e de opinião.

Mais ainda, muitos que não têm uma arma de fogo, uma lâmina ou um explosivo nas mãos, acabam usando a tecnologia para atacar, ofender, agredir. Por trás de uma tela, pessoas e grupos passaram destruir desafetos e opositores e as plataformas digitais se tornaram livre espaço para articulações extremistas em torno do ódio.

Sensível a esta realidade, Francisco dedicou seu lugar de líder religioso à construção de pontes em contraponto a estes tantos muros de intolerância. A dimensão do diálogo passou a ser não apenas um apelo, um discurso, mas uma prática encarnada por ele e um chamamento a ações de lideranças de sua própria igreja, de outras confessionalidades e de chefes de governos mundo afora.

Entre os muitos escritos que ele deixa como legado, está a exortação apostólica *Evangelii gaudium* (A Alegria do Evangelho), de 2013. Já no início do seu pontificado, Francisco enfatiza a necessidade de uma igreja que saía ao encontro do "outro". É nesse texto que se encontra a noção de "Igreja em saída", uma das marcas deste pontificado: aquela que precisa promover "o diálogo social como contribuição para a paz".

Nesse chamamento, Francisco explica que *"existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica"* (EG 238).

Aí está a plataforma de diálogo que o Papa trouxe para si, para a sua ação pastoral, como uma expressão de liderança religiosa comprometida com as bases de sua fé. Ela passa ser identificada por gestos simbólicos e ações concretas que vão desde a busca de conciliação frente às confusas finanças do Vaticano e o enfrentamento ao abuso sexual de crianças em paróquias e dioceses, à mediação na aproximação entre Estados Unidos e Cuba, às conversações pelo fim da guerra entre Ucrânia e Rússia, à busca de solução contra o massacre de Israel contra a Palestina, às denúncias das injustiças econômicas, ao diálogo ecumênico que propaga a paz entre cristãos e a coexistência com as demais expressões de fé.

Em outro escrito, em plena pandemia da Covid-19, no ano de 2020, Francisco amplifica esta dimensão do apego à abertura ao "outro" por meio do diálogo. É a carta encíclica *Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social* com oito capítulos, sendo o sexto intitulado *"O diálogo social como contribuição para a paz"*.

Nesse registro, a partir das tantas experiências como Papa e como chefe de Estado, Francisco convida não só católicos, cristãos e outros religiosos, mas também todas as "pessoas de boa vontade" a sonharem juntos o sentido de todo diálogo social: *"Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos"*.

A vida de Francisco foi um chamamento encarnado que segue ecoando: o diálogo social não deve ser mera conversação, mas, mais do que nunca, um espaço de promoção de relações igualitárias, de defesa dos direitos humanos e ambientais, de promoção e garantia da liberdade de crença, de solução de conflitos sociopolíticos e econômicos para que haja paz na terra!

Magali do Nascimento Cunha

ENCONTRO

“A todos quero exortar a uma comunicação construtiva, que, rejeitando os preconceitos contra o outro, promova uma cultura do encontro por meio da qual se possa aprender a olhar, com convicta confiança, a realidade” (DMCS 2017).

Imagem: Unsplah

Encontro

Na perspectiva comunicacional do Papa Francisco, encontro é muito mais do que um simples contato entre pessoas. Encontro é, antes de tudo, a experiência profunda de proximidade e acolhimento que revela o que há de mais essencial na condição humana: a consciência de ser filho de Deus e de estar chamado à comunhão com os outros.

A comunicação como encontro aparece em sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2014). Nas duas mensagens posteriores, reflete sobre *Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor* (2015), no contexto do Sínodo para as Famílias, e *Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo* (2016), no marco do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

A insistência no encontro, nestes e em outros discursos durante o seu pontificado (somente nas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais aparece 35 vezes), revela uma urgência de compreender a comunicação como encontro em um mundo onde há tanto desencontro, como o próprio pontífice recorda na *Fratelli Tutti* 215 com a citação de Vinícius de Moraes. Encontrar e deixar-se encontrar é hospedar o outro em si mesmo, dar-lhe espaço, escutá-lo com atenção, levando a uma profunda experiência de comunhão.

A inspiração bíblica para ajudar o mundo a compreender o que é encontro está na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Ali, o encontro acontece mesmo sem diálogo (cf. *Rumo à presença plena*, n. 28) e nas palavras do Papa, esta é a "parábola do comunicador" (DMCS 2014). O "milagre do encontro" (DMCS 2023) se dá de maneira genuína pela capacidade de abertura sincera e hospitalidade. Este é o desafio hoje, nas estradas físicas e digitais, uma vez que na internet também há possibilidade de encontros (cf. DMCS 2014). Também insiste que "não basta circular pelas 'estradas' digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro" (DMCS 2014).

A compreensão de encontro em Francisco, certamente, encontra raízes em sua própria experiência de fé e no seu encontro com Jesus, no encontro com a realidade do seu povo e com o seu tempo. Seu pontificado traz a marca da proximidade, de alguém que se deixou, com frequência, tocar, abraçar, sentir e viver plenamente o encontro quando estava diante do outro.

Na *Evangelii gaudium* há um verbo franciscano para entender o que é encontro: *"primeirear"*. Este é o verbo da comunidade dos discípulos e, portanto, trata-se de uma comunicação ativa, missionária, que toma a iniciativa sem medo, vai ao encontro. (cf. EG 24)

Construir uma cultura do encontro não é uma tarefa rápida ou fácil. Francisco reconhece que é "um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme" (FT 217). Essa cultura exige a superação do isolamento e da indiferença, substituindo-os pela proximidade e pela escuta, apresentada como elemento essencial um encontro humano" (cf. FT 48). No início do seu pontificado, um apelo contundente: "O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim" (*Discurso no Encontro com o mundo da cultura*, Cagliari, 22/09/2013).

Tal perspectiva é aprofundada na encíclica *Fratelli Tutti*. "Falar de 'cultura do encontro' significa que nos apaixona, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos" (FT 216). Para Francisco, mais do que ações pontuais, é necessário gerar processos de encontro que renovem continuamente o tecido social em vista do bem comum. Como sublinha, "a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro" (*Videomensagem ao encontro internacional TED2017*, Vancouver, 26/04/2017).

Uma comunicação para o encontro é aquela que não busca só transmitir informações, mas busca criar espaços de proximidade, escuta e hospitalidade. É um instrumento para reconstruir vínculos, fortalecer comunidades e abrir caminhos de esperança para a humanidade.

Marcus Tullius

ESCUTA

“Aquilo que torna boa e plenamente humana a comunicação é precisamente a escuta de quem está à nossa frente, face a face, a escuta do outro abeirando-nos dele com abertura leal, confiante e honesta” (DMCS 2022).

Imagem: Creative Commons

Escuta

Uma das palavras mais recorrentes do Papa Francisco em seus documentos, homilias, audiências, encontros, pronunciamentos e exortações em geral é a escuta, à qual o papa chegou a dedicar uma mensagem específica para o Dia Mundial das Comunicações de 2022: “Escutar com o ouvido do coração”. Ali está o núcleo do que Francisco compreende e chama a atenção do ponto de vista de a escuta ser uma virtude humana e cristã, com fundamentação bíblica, pois “A escuta continua sendo essencial para a comunicação humana (...) e corresponde ao estilo humilde de Deus.” O termo aparece, praticamente em todos os seus textos e, fica evidente que a escuta é um dos pilares de seu magistério. Assim ele o demonstra constantemente em suas atitudes e gestos.

“É só prestando atenção a quem ouvimos, àquilo que ouvimos e ao *modo como* ouvimos é que podemos crescer na arte de comunicar” (DMCS 2022). Não se trata de uma teoria, nem uma técnica, pois o escutar ajuda nossos gestos e palavras serem oportunos e adequados, desinstalando-nos de termos atitudes cômodas que nos levem a simples expectadores. “Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida.” (EG 171).

Escutar, porém, vai além da consideração de que “todos temos ouvidos”, diz Francisco; mas “muitas vezes mesmo quem possui um ouvido perfeito, não consegue escutar o outro” (DMCS 2022). É quando existe uma **surdez interior**, pior do que a física. Por isso que, explica Francisco, “a escuta não tem a ver apenas com o sentido do ouvido, mas com a pessoa toda”. E, antes que alguém perguntasse, o papa afirma que “a verdadeira sede da escuta é o coração”. Referindo-se a Santo Agostinho sobre a importância do escutar com o coração (*corde audire*) e não exteriormente nos ouvidos, cita as palavras do santo: “Não tenhais o coração nos ouvidos, mas os ouvidos no coração”.

A exortação para os cristãos, nesse contexto, é a de exercitar-se na arte da escuta, que é mais do que ouvir, pois "escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual" (EG 171). Uma comunicação verdadeira, porém, parte sempre de uma primeira atitude: a "escuta de si mesmo, das próprias exigências mais autênticas, inscritas no íntimo de cada pessoa" (DMCS 2022)

A fundamentação bíblica para a temática, referida por Francisco, é a de que a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus. "Ela permite a Deus revelar-se como aquele que, falando, cria o homem à sua imagem e, ouvindo-o, reconhece-o como seu interlocutor. Deus ama o homem: por isso lhe dirige a Palavra, por isso inclina o ouvido para o escutar (DMCS 2022). No livro do Deuteronômio (6,4), a relação dialogal é explícita "*Shemá, Israel* (escuta, Israel)".

Francisco ainda alude a Jesus, no Novo Testamento, convidando os discípulos a questionarem-se sobre a qualidade da sua escuta, como encontramos em Lucas 8, 15: "Vede, pois, como ouvis". Exortação que Jesus faz depois de contar a parábola do semeador.

Na 56ª Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2022), Francisco se refere, ainda, à capacidade de escutar a sociedade, o povo, especialmente "nesta época de *social media*, quando se procura saber, espiar, instrumentalizando os outros para os nossos interesses". Ao contrário, o papa incentiva para prestar atenção às razões do outro e compreender a complexidade da realidade.

Escutar-se na Igreja é uma grande e urgente necessidade, insiste Francisco, pois é o dom mais precioso e profícuo que podemos oferecer uns aos outros. E, citando Dietrich Bonhöffer, "devemos escutar através do ouvido de Deus, se queremos poder falar através da sua Palavra". E uma ocasião propícia de escuta recíproca é o que o exercício da sinodalidade nos oferece.

Ir. Joana T. Puntel, fsp

ESPERANÇA

“A esperança é uma virtude escondida, pertinaz e paciente. No entanto, para os cristãos, a esperança não é uma escolha, mas uma condição imprescindível” (DMCS 2025).

Imagem: Creative Commons

Esperança

O Papa Francisco pode ser considerado, dentre tantos predicados, o papa da esperança. Tanto que este é o título de sua autobiografia, publicada poucos meses antes de sua morte. Não por acaso, o jubileu ordinário convocado durante o seu pontificado, celebrado neste ano de 2025, tem a esperança como mensagem central. Na sua bula de proclamação, *Spes non confundit*, o papa deseja a todos quantos a lerem "que a esperança lhes encha o coração."

Por que a esperança é tão cara ao Papa Francisco? "Se Misericórdia é o nome de Deus, Esperança é o nome que Ele deu a nós", diz Francisco na sua autobiografia. Para ele, a esperança é uma menina irredutível, com quem andamos de mãos dados e cujo nome trazemos. Somente um papa profundamente humano e humanista seria capaz de igualar-nos à esperança. Não é algo distante, é uma experiência real e muito concreta. E na perspectiva cristã, "é a certeza de que nascemos para nunca mais morrer, de que nascemos para os momentos mais altos, para desfrutar da felicidade." (Papa Francisco, *Esperança: a autobiografia*, p. 312)

Aos comunicadores, Francisco dedicou duas mensagens sobre o tema da esperança. No 51º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2017, convidou-os a romper com um círculo vicioso e deter a espiral do medo, assumindo um estilo de comunicação mais propositiva: "'Não tenhas medo, que Eu estou contigo' (Is 43,5). Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo". É uma mensagem para ser não apenas lida, mas rezada e saboreada em cada palavra.

Ao longo de suas 12 mensagens para a celebração anual do Dia Mundial das Comunicações Sociais, a palavra esperança aparece 47 vezes, uma das mais recorrentes. Vista na lógica da Boa notícia que é o próprio Jesus, Francisco ressalta que nasce "uma esperança acessível a todos, precisamente no lugar onde a vida conhece a amargura do falimento." (DMCS 2017). É interessante que o papa qualifica a esperança como acessível, assim como ele deseja que seja a comunicação. Compreendida como profunda experiência do amor de Deus derramado em todos os corações, ela não decepciona (cf. Rm 5,5) e faz com que "qualquer novo drama que aconteça na história do mundo torna-se cenário possível também duma boa notícia, uma vez que o amor consegue sempre encontrar o caminho da proximidade e suscitar corações capazes de se comover, rostos capazes de não se abater, mãos prontas a construir" (DMCS 2017).

A última mensagem – por que não seu testamento aos comunicadores? – é a retomada desse convite a serem "comunicadores de esperança" (DMCS 2025), desarmando a comunicação de tudo aquilo que possa afugentar a esperança: "medo e desespero, preconceitos e rancores, fanatismo e até ódio", da agressividade, da redução da mensagem a slogans, "dos *talk shows* televisivos até às guerras verbais nas redes sociais" e "da vontade de dominar e possuir, da manipulação da opinião pública" (DMCS 2025).

Aos 88 anos, mesmo quando a enfermidade o assolava, Francisco mostrou que nunca deixou de sonhar: "sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança"; "sonho com uma comunicação que não venda ilusões ou medos, mas seja capaz de dar razões para ter esperança" (DMCS 2025).

E como um bom líder, alertou sobre os riscos de uma comunicação autorreferencial, construída sem proximidade e longe das histórias que edificam as vidas. Isso porque, para Francisco, "a esperança é sempre um projeto comunitário" (DMCS 2025), assim como deve ser a comunicação, que já traz na sua raiz *(communis)* esta necessidade de indicar aquilo que é comum, que é coletivo e que deve ser repartido.

A derradeira mensagem termina com algumas pistas de como ser, verdadeiramente, comunicadores de esperança, mas que podem ser assimiladas e seguidas por todos os que desejam ser peregrinos e peregrinas de esperança, tendo Francisco como uma grande inspiração.

De fato, Francisco e esperança são duas palavras indissociáveis, assim ele testemunhou em cada palavra e, principalmente nos gestos. Sua morte, no Jubileu da Esperança, sela seu estilo de um crente em Deus e na humanidade, e nas palavras iniciais do *rogito*, breve resumo do seu pontificado inserido no seu caixão, se fez "conosco peregrino da esperança, guia e companheiro de caminho".

Marcus Tullius

FRATERNIDADE

"Com poucas e simples palavras, [São Francisco] explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita" (FT 1).

Imagem: Cathopic

Fraternidade

Durante seu pontificado, o Papa Francisco apresentou a fraternidade como o alicerce ético e espiritual de toda comunicação humana. A fraternidade, entendida como a capacidade de reconhecer o outro como irmão e irmã, não foi apenas tema central de uma de suas encíclicas, mas também o fio condutor de seus gestos, discursos e posicionamentos diante dos desafios do século XXI. Mais do que conceito teológico ou categoria social, a fraternidade foi, para Francisco, a gramática básica da comunicação entre pessoas e povos.

Na encíclica *Fratelli tutti* (2020), Francisco aprofunda essa concepção, apresentando a fraternidade como o caminho necessário para superar muros de ódio, preconceito e indiferença. Ele reconhece os perigos de uma sociedade global conectada, mas fragmentada, onde a comunicação digital nem sempre promove vínculos, mas muitas vezes amplifica a solidão, o individualismo, a intolerância e as desigualdades. Ele alerta: *"As relações digitais [...] têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um 'nós'"* (FT 43). Essa denúncia não visa demonizar as tecnologias, mas reposicionar o valor da escuta, do toque, do olhar, da linguagem do corpo que são elementos fundamentais da comunicação, quando entendida como processo social.

Francisco compreendeu que a comunicação só é verdadeira quando nasce da fraternidade. Em seu magistério, os meios de comunicação, sobretudo os digitais, são vistos como ferramentas com potencial de construir pontes, desde que usados com responsabilidade e propósito ético. Ele afirmou: *"Os mass media podem ajudar-nos a sentir-nos mais próximos uns dos outros [...], fazendo-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana"* (FT 205). Entretanto, esse potencial só se realiza quando os meios se colocam a serviço do encontro, do cuidado e da busca do bem comum, e não da manipulação, da desinformação ou da espetacularização do outro.

Ao longo de seu pontificado, Francisco denunciou as formas de comunicação que violam a fraternidade: a exposição exagerada nas redes sociais digitais, os ataques anônimos, o discurso de ódio, a criação de "inimigos públicos" por setores da mídia e da política, os mecanismos de difamação e desinformação. Para ele, os meios de comunicação podem ser instrumentos tanto de construção como de destruição, dependendo da intencionalidade que os orienta. Por isso, pediu um exame contínuo sobre a forma como comunicamos: *"É necessário verificar continuamente que as formas atuais de comunicação nos orientem efetivamente para o encontro generoso [...] e o compromisso de construir o bem comum"* (FT 205).

A fraternidade, portanto, não é apenas tema de homilias e encíclicas. Francisco fez dela um gesto encarnado: ao acolher imigrantes, refugiados e LGBTQIAP+, visitar os mais pobres, aproximar líderes de religiões distintas, beijar os pés de líderes políticos em busca de paz, falar com empatia às vítimas da violência, defender os direitos dos excluídos. Todos esses atos comunicaram algo maior que palavras: comunicaram proximidade, humanidade, um "nós" em construção.

Nesse sentido, comunicar como Francisco é recusar a lógica do descarte, do silêncio imposto, da voz sufocada. É promover espaços em que todos possam ser ouvidos e reconhecidos como dignos. Por isso, ele também responsabilizou os meios de comunicação pela educação e formação de valores como solidariedade, respeito mútuo e liberdade, valores que devem ser cultivados desde a infância, mas reforçados continuamente por quem comunica (cf. FT 114).

O testemunho do Papa Francisco nos lembra que a fraternidade é a base da escuta verdadeira. Sem ela, comunicamos apenas dados, ruídos, imagens. Com ela, comunicamos sentido, cuidado, compromisso. A fraternidade exige tempo, diálogo, paciência, abertura ao outro, exatamente o oposto da lógica acelerada, superficial e agressiva que domina grande parte do ambiente comunicacional contemporâneo, particularmente na internet. Ao propor a fraternidade como horizonte comunicacional, Francisco deixou um legado profético para o nosso tempo: comunicar não é apenas informar, mas construir uma convivência em que todos se sintam parte, todos se sintam irmãos e irmãs.

Ricardo Alvarenga

MISERICÓRDIA

"A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e encorajados a viver segundo a vida boa do Evangelho" (EG 114).

Imagem: Unsplash

Misericórdia

Misericórdia é uma das palavras mais marcantes do pontificado de Francisco. Tema do Ano Santo de 2016, de bula, carta apostólica, mensagens, discursos e homilias, o Papa Francisco com seus gestos e palavras recordou ao mundo inteiro a essência do cristianismo: Deus é misericórdia. Por isso, vamos aprofundar o conhecimento desta expressão tão importante a partir de sua raiz judaico-cristã.

A linguagem atual identifica misericórdia com compaixão e perdão. Mas, para a experiência de Israel, a misericórdia se converge em duas correntes de pensamento, a compaixão e a fidelidade.[1] A origem do termo misericórdia é o mesmo de palavras como graça, amor e bondade: em hebraico corresponde a *hesed* e *rahamin*; no grego *eleos* e *oiktirmos*.

Rahamim ("as entranhas") indica a sede dos afetos, exprime o apego instintivo dum ser a outro, uma misericórdia encarnada, gerada nas entranhas e vivida na prática.[2] Uma ternura traduzida em atos de compaixão ou de perdão. *"Hesed"* denota as boas relações entre as pessoas, seja graça, amor, fidelidade. A misericórdia como *"hesed"* vai além do "querer bem", manifesta-se no "fazer bem"; trata-se de direito e deveres; por isso, é frequentemente combinado com *'emet* (fidelidade), *sedãqãh* (justiça) e *mispãt* (direito), portanto, uma relação que une dois seres e implica fidelidade. "Com isso, a misericórdia recebe uma base sólida: uma bondade consciente, intencional; uma fidelidade a um dever interior.[3]

A misericórdia de Deus é uma das mais antigas experiências históricas de Israel fruto da liberdade e amor divinos e parte de sua essência: "Volta-se contra mim meu coração, mas logo minha compaixão se comove; não agirei no ardor de minha ira... pois eu sou Deus não sou homem" (Os 11,8). O único limite da aliança de misericórdia é o fechamento do próprio coração humano para recebê-la e exercê-la. Assim, *hesed* pode ser compreendido como vontade de salvação de Deus para com o ser humano e do ser humano pelo próximo. A misericórdia é uma comunicação amorosa de Coração para coração: do Coração Terno e Compassivo de Deus para o coração arrependido e esperançoso da pessoa humana.

[1] LÉON-DUFOUR, Xavier. Misericórdia. Vocabulário de Teologia Bíblica. Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 594-598.
[2] VAN DEN BORN, A. Misericórdia. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Rio de Janeiro: Vozes, 1971, p. 994-995.
[3] LÉON-DUFOUR, op. cit., pp. 594-598.

O Papa Francisco traduz muito bem para a prática pastoral o sentido bíblico da palavra misericórdia. Como escreveu na carta apostólica *Misericordia et misera*: "A misericórdia não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho" (MM 1). Francisco definiu misericórdia como a "ação concreta do amor que, perdoando, transforma e muda a vida". É através da misericórdia que se manifesta o mistério divino. "Deus é misericordioso (cf. Ex 34, 6), a sua misericórdia é eterna (cf. Sl 136/135), de geração em geração abraça cada pessoa que confia n'Ele e transforma-a, dando-lhe a sua própria vida" (MM 2). Neste sentido, a misericórdia pode ser entendida como uma ação comunicativa vinculada ao chamado missionário dos cristãos e cristãs: "A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa" (MV 12).

Portanto, o Papa Francisco entende a misericórdia como essência do Evangelho e como caminho para a renovação da Igreja e da vida cristã. A sua Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2016 dedicou-se a refletir pastoralmente a fecunda relação entre comunicação e misericórdia: "A Igreja [...] é chamada a viver a misericórdia como traço característico de todo o seu ser e agir". Este jeito misericordioso de ser Igreja são expressos no modo como conversamos com alguém, o que escolhemos falar e o que decidimos silenciar, a forma como a olhamos e a escutamos com real interesse. Comunicar com misericórdia significa irradiar o calor materno da Igreja que dá substância as palavras professadas, gerando compaixão, ternura e perdão. Contrapondo-se a cultura de ódio propagada pelos algoritmos nas mídias sociais, Francisco propõe uma comunicação misericordiosa e não violenta.

"O encontro entre a comunicação e a misericórdia é fecundo na medida em que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade" (DMCS 2016).

Aline Amaro da Silva

PROXIMIDADE

"Quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Apraz-me definir este poder da comunicação como 'proximidade'" (DMCS 2014).

Imagem: Creative Commons

Proximidade

Ao consultar um dicionário, encontramos três principais definições para a palavra proximidade. Primeiro: condição do que é ou está perto ou próximo de, vizinhança.Segundo: pequena distância ou pequeno espaço de tempo. E terceiro: semelhança ou afinidade entre pessoas, intimidade, familiaridade.[1] A concepção e utilização deste termo pelo Papa Francisco está mais alinhada com a terceira proposição, mas vai além desta. Um traço original do pensamento comunicacional do Papa Francisco é entender a comunicação como proximidade. Em diversos momentos e documentos, Francisco expressa uma compreensão sobre a comunicação como uma trama dialógica tecida reciprocamente entre pessoas. Nesta partilha e abertura entre corações, a escuta tem papel essencial, pois é "a capacidade do coração que torna possível a proximidade" (EG 171), sem a qual não ocorre um encontro autêntico.

No processo evangelizador, Francisco identifica uma habilidade fundamental: a capacidade de ser próximo a Deus para fazer-se próximo aos irmãos e irmãs. "[...] todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida" (EG 121). Essa proximidade com o Senhor, relação íntima e profunda que descobrimos na caminhada comunitária, que nos dá vida e esperança, é isso o que deve ser comunicado em forma de testemunho.

Outro termo essencial no vocabulário do Papa Francisco, que nos ajuda a entender o seu conceito de proximidade, é "primeirear" que significa tomar a iniciativa de se aproximar e se envolver com a realidade das pessoas.[2] "Primeirear" impulsiona uma forma de interação humana marcada pela proximidade, condição fundamental para a construção da confiança e de vínculos empáticos e solidários. Tal disposição gera uma comunicação genuína e engajada, especialmente no contexto da fé.

---

[1] MICHAELIS. Dicionário Escolar Língua Portuguesa. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/. Acesso em: 8 maio 2025.

[2] AMARO DA SILVA, Aline; RODRIGUES, João Pedro Flávio Viana. Comunicação e teologia em tempos de Francisco: um novo paradigma. Annales FAJE, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 66–83, 2023. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5476. Acesso em: 8 maio 2025

Assumindo a figura do bom samaritano como modelo de comunicador, o Papa Francisco ressalta que, no coração da comunicação cristã, estão três atitudes fundamentais: proximidade, compaixão e ternura. Quando observamos os doze anos do pontificado de Francisco, percebemos a presença de uma comunicação pautada justamente por este tripé.

Com sua vida e seu jeito sinodal de conduzir a Igreja, demonstrou uma de suas maiores preocupações: Como é possível, apesar de todas as nossas limitações e pecados, ser verdadeiramente próximo aos outros? Ele escreveu a resposta nessa mesma mensagem: “Quem comunica faz-se próximo” (DMCS 2014). Aproximar-se é o primeiro passo no processo de comunicação plena. Como nos mostra o exemplo do bom samaritano que não apenas aproximou-se da pessoa caída, mas cuidou dela.

Desde sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, ele reconhece o potencial das redes sociais para aproximar as pessoas, sem perder de vista os riscos que as tecnologias digitais também oferecem. É neste tempo em que as gerações contemporâneas tão conectadas e ao mesmo tempo tão solitárias necessitam do calor de uma comunicação vivida como a arte de se fazer próximo.

Aline Amaro da Silva

TERNURA

"Este era Jesus: humilde e manso de coração, próximo do povo, com capacidade de sentir pena, com compaixão e com estas duas características: mansidão e ternura" (Meditação matutina de 18/09/2018).

Imagem: Creative Commons

Ternura

Entre os documentos escritos pelo Papa Francisco não se encontra um texto específico sobre “ternura. Mas a palavra e o conceito perpassam todas as suas Encíclicas, Exortações Apostólicas, Mensagens, discursos. A palavra vem sempre explicitada como parte do que significa a verdadeira comunicação e, por isso, conectada, entrelaçada com mansidão, coração, compaixão, misericórdia, proximidade. A ternura se encontra, sobretudo nas meditações das celebrações matutinas da Missa, na Capela Santa Marta. De modo ainda mais especial, é presente nos inúmeros gestos de Francisco, acompanhados de rosto sereno, sorridente, amável, que abraçava a todas e todos, nas mais diversas situações e nações por onde passava.

Para Francisco, até mesmo “na política, há lugar também para amar com ternura”. E define “em que consiste a ternura? No amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. (...) A ternura é o caminho que percorreram os homens e --as mulheres mais corajosos e fortes. No meio da atividade política, os mais pequeninos, frágeis e pobres devem enternecer-nos: eles têm o ‘direito’ de arrebatar a nossa alma, o nosso coração. Sim, eles são nossos irmãos e, como tais, devemos amá-los e tratá-los” (FT 194).

Em audiência aos participantes do Congresso sobre a “Teologia da ternura no Papa Francisco”, ao referir-se à expressão teologia da ternura, Francisco ressaltou que ao contrário do que elas poderiam parecer palavras distantes, na realidade, “a nossa fé liga esses dois termos de forma indissolúvel. A primeira recorda o âmbito acadêmico, e a segunda, as relações interpessoais”. O papa ainda acrescenta que os conteúdos são dois: “a beleza de sentir-se amado por Deus e a beleza de amar em nome de Deus” (13/09/2018).

Da fundamentação bíblica, Francisco entende que a ternura indica o nosso modo de acolher, hoje, sobretudo, a misericórdia divina. Pois é ela que nos revela, junto ao rosto paterno, o rosto materno de Deus, de um Deus apaixonado pelo ser humano, “um amor que é infinitamente maior do que o amor de uma mãe pelo seu filho” (ibid.).

A palavra ternura, na compreensão de Francisco, era central em suas reflexões sobre as atitudes de Jesus para com os pobres, os doentes, os que necessitavam de cura, os desamparados, os injustiçados. A descrição de Francisco sobre o toque de Jesus, o encontro com as pessoas é de grande profundidade e beleza plástica. É o que o Papa Francisco vivia como ternura, espelhado em Jesus de Nazaré. E, por consequência, ele podia, com autoridade, recomendar "aquilo que dizemos e o modo como o dizemos, cada palavra e cada gesto deveria poder expressar a compaixão, a ternura e o perdão de Deus para todos (DMCS 2016).

Ainda sobre a ternura na comunicação, com respeito às redes sociais, Francisco tem uma expressão forte: "O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral" (DMCS 2016). É sempre possível acariciar (ternura), desarmando a comunicação, falando a verdade, mas no respeito às pessoas, seres humanos, amados por Deus, e a exemplo de Jesus de Nazaré, o grande comunicador.

A ternura, tanto pregada e vivida pelo Papa Francisco inclui, também, uma das fontes mais queridas, amadas e aconselhadas aos fiéis pelo Papa: a ternura da Virgem Maria. Como tradição ininterrupta desde o início do seu pontificado até o seu retorno à Casa Santa Marta após a internação hospitalar (12/04/2025), Francisco foi visitar a mãe de ternura onde ele confiava e agradecia a proteção de Maria sobre as viagens que empreendia. Foram mais de 100 vezes que ele invocou a proteção da Virgem Salus Populi Romani, na Basílica Santa Maria Maior, em Roma, sempre com um tempo de oração à Virgem Maria pois "Maria – afirmava Francisco – está sempre presente, ao nosso lado, com a sua ternura maternal" (Catequese, 24/03/2021).

Ir. Joana T. Puntel, fsp

PAZ

"Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia" (DMCS 2016).

Imagem: Cathopic

Paz

O pontificado do Papa Francisco foi profundamente marcado pelo compromisso com a promoção e a construção da cultura de paz. Durante os 12 anos em que ocupou a cátedra de Pedro, Francisco se consolidou como uma das lideranças globais que mais se dedicou à promoção da paz em nível internacional. Entre os inúmeros esforços que realizou, destacam-se sua atuação indispensável na mediação diplomática entre Estados Unidos e Cuba, o gesto inédito de beijar os pés dos líderes do Sudão do Sul em apelo pela reconciliação, e seu clamor incessante pelo fim das guerras na Palestina, Síria, na Ucrânia e em tantos outros territórios afetados pela violência.

Francisco foi um pontífice que defendeu a paz em tempos de guerras visíveis e invisíveis, de polarizações intensificadas pelas redes sociais digitais e de discursos de ódio disseminados, inclusive por lideranças políticas e religiosas. Diante desse cenário, ele insistiu que comunicar deveria ser um ato de cura, reconciliação e afirmação da dignidade humana. Sua visão sobre paz foi ampliada para além da ausência de conflito armado: tratava-se de um processo cotidiano construído pelas palavras, pelos gestos e pelos vínculos que cultivamos.

Em sua Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2016), ele afirmou que a comunicação tem o poder de "criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão", tanto no ambiente físico quanto no digital e, por isso, é parte indispensável da construção da paz. Para ele, comunicar é um caminho ético e relacional, e não apenas técnico ou informacional.

No centro de sua reflexão sobre a relação entre comunicação e paz, está o conceito de jornalismo de paz, particularmente aprofundado na Mensagem para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2018). Nela, Francisco declarou: *"A paz é a verdadeira notícia"*, denunciando assim a lógica de um jornalismo baseado no escândalo, na velocidade da audiência e na superficialidade das informações. Ele compreendia que jornalistas não exerciam apenas uma profissão, mas uma missão: a de custodiar a comunicação como bem público, promover o bem comum e possibilitar uma leitura crítica e ampla dos fenômenos sociais.

Comunicar, em sua visão, era um processo denso e profundamente ético e político, centrado na pessoa, e não nos interesses mercadológicos. Um jornalismo comprometido com a verdade fortalece os vínculos sociais e abre caminhos para a superação de conflitos. Francisco advertiu que esse jornalismo não deveria ser "bonzinho" ou conivente com as injustiças. Pelo contrário, deveria ser *"hostil às falsidades, a slogans sensacionais e a declarações bombásticas [...], empenhado a indicar soluções alternativas às escaladas do clamor e da violência verbal"* (DMCS 2018). Isso implicava enfrentar os conflitos com profundidade, responsabilidade e compromisso inegociável com a verdade.

Para ele, o cenário de guerra, ódio e violência no qual o mundo está inserido tem raízes profundas na desinformação, compreendida como todo conteúdo falso, impreciso, manipulado, fabricado ou odioso, independentemente da intenção ou do canal de veiculação. Como antídoto, Francisco afirmou: *"O melhor antídoto contra as falsidades não são as estratégias, mas as pessoas: pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga de um diálogo sincero, deixam emergir a verdade"* (DMCS 2018).

A defesa da cultura de paz também ocupou lugar central em seu pensamento e prática. Na Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2023), Francisco afirmou ser urgente *"falar com o coração para promover uma cultura de paz, onde há guerra"* e advertiu sobre a necessidade de *"assegurar uma comunicação não hostil" no atual e complexo contexto global. Ao destacar que "o vírus da guerra provém do íntimo do coração humano"*, ele nos lembrou que é do coração que nascem as palavras, e são essas palavras que programam os algoritmos, moldam os discursos, mobilizam afetos e incitam ações. É a partir delas que se produzem os comandos que alimentam os circuitos digitais onde se disseminam discursos violentos e práticas desumanizadoras.

Esse alerta de Francisco torna-se ainda mais urgente no contexto contemporâneo, em que a internet se consolidou como território fértil para campanhas de ódio, desinformação e manipulação. O Papa não se calou diante disso. Reconheceu que até mesmo lideranças políticas e religiosas passaram a alimentar divisões, legitimar práticas autoritárias e utilizar palavras como armas. Diante desse cenário, ele propôs uma comunicação profética, capaz de promover reconciliação, justiça e fraternidade.

Seus gestos confirmaram suas palavras. Francisco foi, em todos os sentidos, um papa comunicador e fazedor da paz. Por meio de suas palavras e ações, comunicou amor, esperança e o compromisso com uma sociedade justa e fraterna para todos, todos, todos: acolheu migrantes, refugiados e LGBTQIAP+; escutou vítimas de abuso e injustiça; fomentou o diálogo entre religiões e culturas.

Na Mensagem de 2016, Francisco afirmou: *"As palavras e ações hão de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças (...). A palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação"*. Essa visão sintetizou seu modo de compreender a comunicação: um ato de paz, mesmo diante do conflito. Seu testemunho permanece como bússola para todos que desejam transformar o mundo não pela força, mas pela palavra que escuta, cura e acolhe.

Ricardo Alvarenga

VERDADE

"Somos chamados a crescer juntos, em humanidade e como humanidade. O desafio que temos diante de nós é realizar um salto de qualidade para estarmos à altura duma sociedade complexa, multiétnica, pluralista, multirreligiosa e multicultural. Cabe a nós questionar-nos sobre o progresso teórico e a utilização prática destes novos instrumentos de comunicação e conhecimento. As suas grandes possibilidades de bem são acompanhadas pelo risco de que tudo se transforme num cálculo abstrato que reduz as pessoas a dados, o pensamento a um esquema, a experiência a um caso, o bem ao lucro, com o risco sobretudo de que se acabe por negar a singularidade de cada pessoa e da sua história, dissolvendo a realidade concreta numa série de dados estatísticos" (DMCS 2024).

Imagem: Cathopic

Verdade

A palavra verdade é considerada uma das mais essenciais da base linguística de origem grega *(alétheia)* e latina *(veritas)*. Para a tradição filosófica clássica essa palavra verdade define o que a coisa é em sua essência, em sua substância. O filosofo é definido como aquele que ama a verdade. Por exemplo podemos citar Tomás de Aquino, na esteira de Aristóteles quando afirma que: "a verdade é adequação da coisa e do intelecto".

A tradição teológica católica debateu-se desde suas origens primitivas em ter claro o que é a verdade. A afirmação de Jesus é contundente: "Eu sou a verdade" (João, Cap. 14, 6). A tradição apostólica, assim como os padres da Igreja terão a compreensão desta Verdade como um os seus temas centrais. Vejamos Paulo em Atenas, no Areópago (Atos, 17- 22ss). O que dizer da monumental obra de Santo Agostinho!

O desafio da inserção do cristianismo, na já adiantada primeira parte da primeira metade do século XXI é a questão enfrentada pelo pontificado do Papa Francisco. Que sociedade é esta? "Uma sociedade complexa, multiétnica, pluralista, multirreligiosa e multicultural." Que indivíduo habita esta sociedade? Aquele indivíduo em risco: "Reduz as pessoas a dados, o pensamento a um esquema, a experiência a um caso, o bem ao lucro, com o risco sobretudo de que se acabe por negar a singularidade de cada pessoa e da sua história".

Não se pode negar que o pontificado do Papa Francisco teve diante de si a sociedade, seus indivíduos concretos do século XXI. Acrescentemos um outro grande problema da sobrevivência humana atual, o uso dos recursos naturais *(Laudato si')*. Ao encerrar o seu pontificado, podemos observar na pessoa do Papa Francisco, em seus gestos e escritos a comunicação ocorrendo na história concreta e inserida na carne da vida humana cotidiana. A comunicação de uma verdade essencial: Cristo. O Papa Francisco é um seguidor desta Verdade e comunica esta Verdade a partir do chão da história do século XXI, radicalmente.

Aqui a comunicação está além e não pode ser ofuscada pelos meios de comunicação, pelas redes digitais ou pelas novas e capitalistas formas tecnológicas de comunicação, como a inteligência artificial. A Verdade é concreta, real, toca a história a semelhança dos padres da Igreja primitiva. A forma como Papa Francisco comunicou fielmente essa Verdade é um desafio para a própria Igreja. A verdade comunicada pelo Papa Francisco é Cristo. Essa verdade nos faz voltar aos fundamentos da existência tais como: o humano, a liberdade, o transcendente.

Os efeitos, as ações deste acontecimento ainda estão em curso. Precisamos de tempo para compreendermos melhor o que foi o fenômeno Papa Francisco no século XXI.

Claudenir Módolo Alves

ORAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Imagem: Cathopic

Oração da Comunicação

Papa Francisco (DMCS 2018)

Senhor, fazei de nós instrumentos da vossa paz.

Fazei-nos reconhecer o mal que se insinua
em uma comunicação que não cria comunhão.
Tornai-nos capazes de tirar o veneno dos nossos juízos.
Ajudai-nos a falar dos outros como de irmãos e irmãs.
Vós sois fiel e digno de confiança;
fazei que as nossas palavras sejam sementes de bem para o mundo:

onde houver rumor, **fazei que pratiquemos a escuta**;
onde houver confusão, **fazei que inspiremos harmonia**;
onde houver ambiguidade, **fazei que levemos clareza**;
onde houver exclusão, **fazei que levemos partilha**;
onde houver sensacionalismo, **fazei que usemos sobriedade**;
onde houver superficialidade, **fazei que ponhamos interrogativos verdadeiros**;
onde houver preconceitos, **fazei que despertemos confiança**;
onde houver agressividade, **fazei que levemos respeito**;
onde houver falsidade, **fazei que levemos verdade**.

Amém.

Imagem: Unsplash / Canva

MEMBROS DO GRECOM

Imagem: Creative Commons

Aline Amaro da Silva

Vice-coordenadora do Grecom/CNBB. Doutora e mestra em Teologia, bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

- **E-mail:** silva.alineamaroda@gmail.com

Claudenir Módolo Alves

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

- **E-mail:** dmr.totus@gmail.com

Joana T. Puntel

Religiosa paulina, jornalista e doutora em Comunicação Social (Simon Fraser University, Canadá). Pesquisadora da área de Comunicação e Religiões (Intercom) e Comunicação, Teologia e Religião (PUC Minas). É docente no curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura (ITESP/SEPAC).

- **E-mail:** joana.puntel@gmail.com

Magali do Nascimento Cunha

Doutora em Ciências da Comunicação e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER).

- **E-mail:** magali.ncunha@gmail.com

Marcus Tullius

Mestre em Comunicação Social (PUC Minas), ex-Coordenador-Geral da Pascom Brasil (2018-2024) e pesquisador da área de Comunicação e Religiões.

- **E-mail:** soumarcustullius@gmail.com

Moisés Sbardelotto

Coordenador do Grecom/CNBB. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Professor da PUC Minas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática.

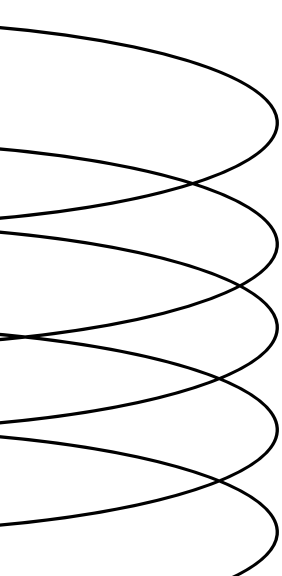
- **E-mail:** moises@pucminas.br

Ricardo Alvarenga

Doutor em Comunicação Social. Pesquisador da área de Comunicação e Religiões, com foco nas dinâmicas comunicacionais da Igreja Católica. Atualmente é professor substituto no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA Imperatriz) e realiza estágio de pós-doutorado no Mestrado em Comunicação da mesma instituição.

- **E-mail:** ricardocalvarenga@gmail.com

Imagens: Arquivo Pessoal



GRECOM-CNBB© 2025

cnbb.org.br

CNBB
grecom
grupo de reflexão
sobre comunicação

CNBB
CONFERÊNCIA NACIONAL
DOS BISPOS DO BRASIL

Comissão Episcopal
para a Comunicação Social